

Pepino: caminhada em um arco urbano: Pepino

ARROIO PEPINO

CAMINHADA ÀS

MARGENS

DE UM ARROIO

URBANO EM

PELOTAS/RS

CRÉDITOS

TEXTOS POR

Amanda Christianine
Costa Batista,
Daniel Vaz Lima,
Flávia Maria Silva Rieth,
Francisco Pereira da
Silva Neto,
Milena Mendiondo da
Rosa,
Miriél Bilhalva
Hermann,
Salomão José Caetano,
Simone Fernandes
Mathias e
Valentina Machado.

FOTOS POR

Juliana dos Santos
Nunes,
Miriél Bilhalva
Hermann,
Salomão José
Caetano,
Simone Fernandes
Mathias e
Valentina Machado.

DESENHOS POR

Amanda Christianine
Costa Batista,
Eligolande Lascano
Furtado,
Flávia Maria Silva
Rieth,
Lisley Leão e
Vanessa Costa.

ROTEIRO POR

Valentina
Machado.

REVISÃO POR

Vagner
Rodrigues.

SOM POR

Lisley Leão.

COORDENADO POR

Flávia Maria Silva Rieth,
Francisco Pereira da Silva
Neto e
Adriana Paola Paredes
Peñafiel.

EDIÇÃO E MONTAGEM POR

Gustavo Fiorini Marques.

Arroio Pepino: caminhadas às margens de um arroio urbano em Pelotas/RS

Este artigo apresenta algumas reflexões coletivas geradas a partir de uma caminhada urbana, às margens da Bacia Hidrográfica do Arroio Pepino, em Pelotas, Rio Grande do Sul, com a atenção voltada para as relações da cidade e de seus habitantes com suas águas. Buscamos levar a sério outros regimes de relação entre a Natureza e Cultura, tendo como base os debates contemporâneos do campo da Antropologia que tencionam a distância entre entes envolvidos em processos socioambientais, inseridos em fluxos de vida que se encontram e se transformam, mutuamente. Do mesmo modo, um Diário Gráfico acompanha o texto, valendo-se das formas expressivas registradas no encontro dos andarilhos com o Arroio. O Diário Gráfico dialoga com outras (etno)grafias, como o desenho, a fotografia, a literatura, por meio da interlocução sensível com o campo.

Palavras-chave: Bacia Hidrográfica do Arroio Pepino; Antropologia e Meio Ambiente; Antropologia Urbana; Sítio Charqueador Pelotense.

ABSTRACT

Pepino Creek: walks along the banks of an urban creek in Pelotas/RS

This article presents some collective thoughts resulting from an urban walk, on the banks of the Pepino Creek River Basin, in Pelotas, Rio Grande do Sul, with attention focused on the relationship of the city and its inhabitants with the creek waters. We quested taking seriously other relationship regimes between Nature and Culture, based on contemporary debates in the field of Anthropology which envisage the distance between the ones involved in socio-environmental processes, inserted in flows of life which mutually meet and transform themselves. Likewise, a Graphic Diary follows the text, using the expressive forms registered in the meeting of the walkers with the Creek. The Graphic Diary interacts with other (ethno)graphies, such as the drawing, the photography, the literature, through the sensitive interlocution with the field.

Keywords: Pepino Creek River Basin; Anthropology and Environment; Urban Anthropology; Pelotense Jerked Beef Manufacturer Site.

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

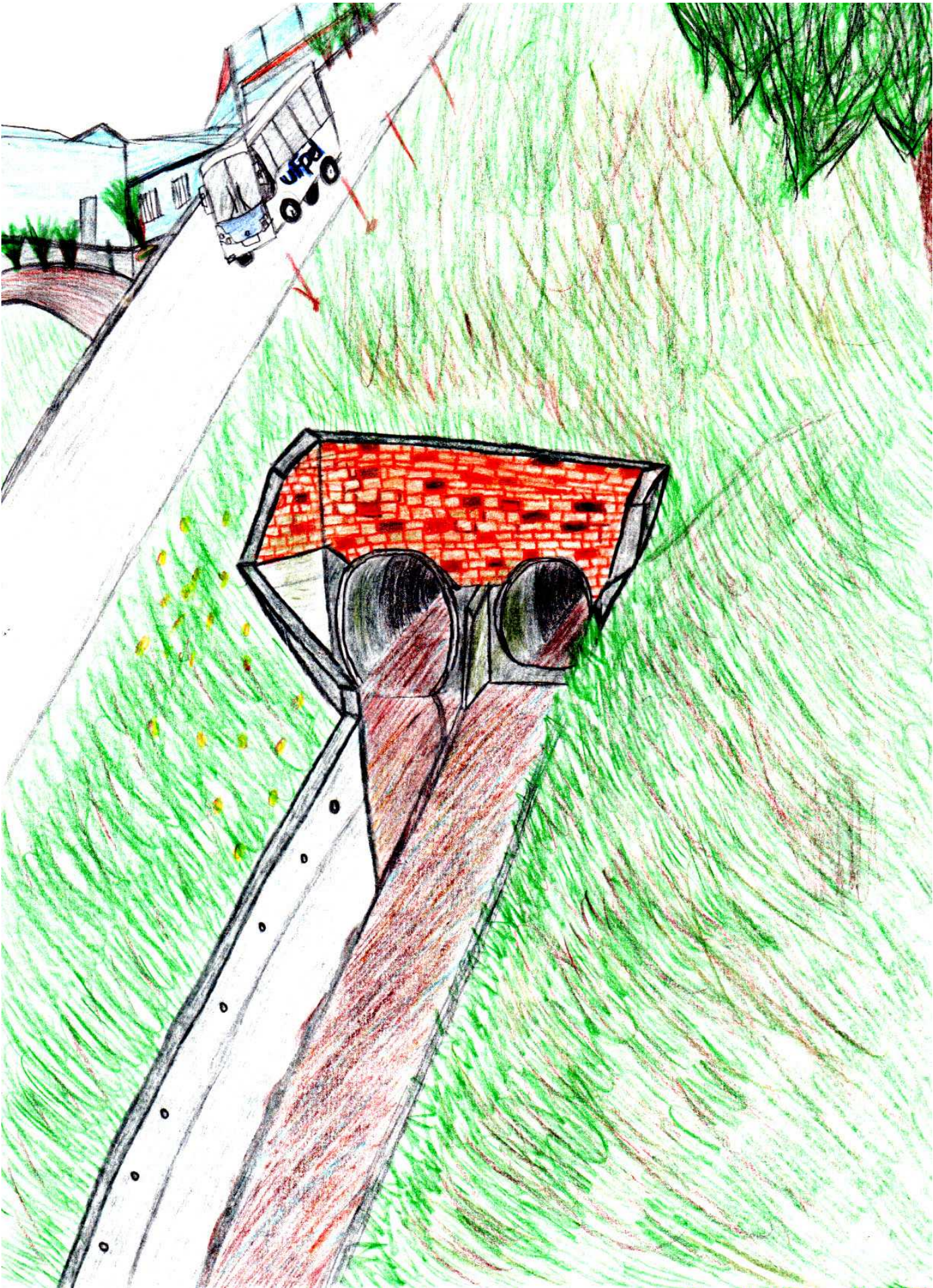
Composição por Caetano Veloso e Milton Nascimento.



Oco de pau que diz: eu sou madeira, beira
Boa, dá vau, triztriz, risca certa
Meio a meio o rio ri, silencioso, sério
Nosso pai não diz, diz: risca terceira
Água da palavra, água calada, pura
Água da palavra, água de rosa dura
Proa da palavra, duro silêncio, nosso pai,
Margem da palavra entre as escuras duas
Margens da palavra, clareira, luz madura
Rosa da palavra, puro silêncio, nosso pai
Meio a meio o rio ri por entre as árvores da vida

O rio riu, ri por sob a risca da canoa
O rio viu, vi e ninguém jamais ouviu
O rio, ouviu, ouvi a voz das águas
Asa da palavra, asa parada agora
Casa da palavra, onde o silêncio mora
Brasa da palavra, a hora clara, nosso pai
Hora da palavra, quando não se diz nada
Fora da palavra, quando mais dentro aflora
Tora da palavra, rio, pau enorme, nosso pai







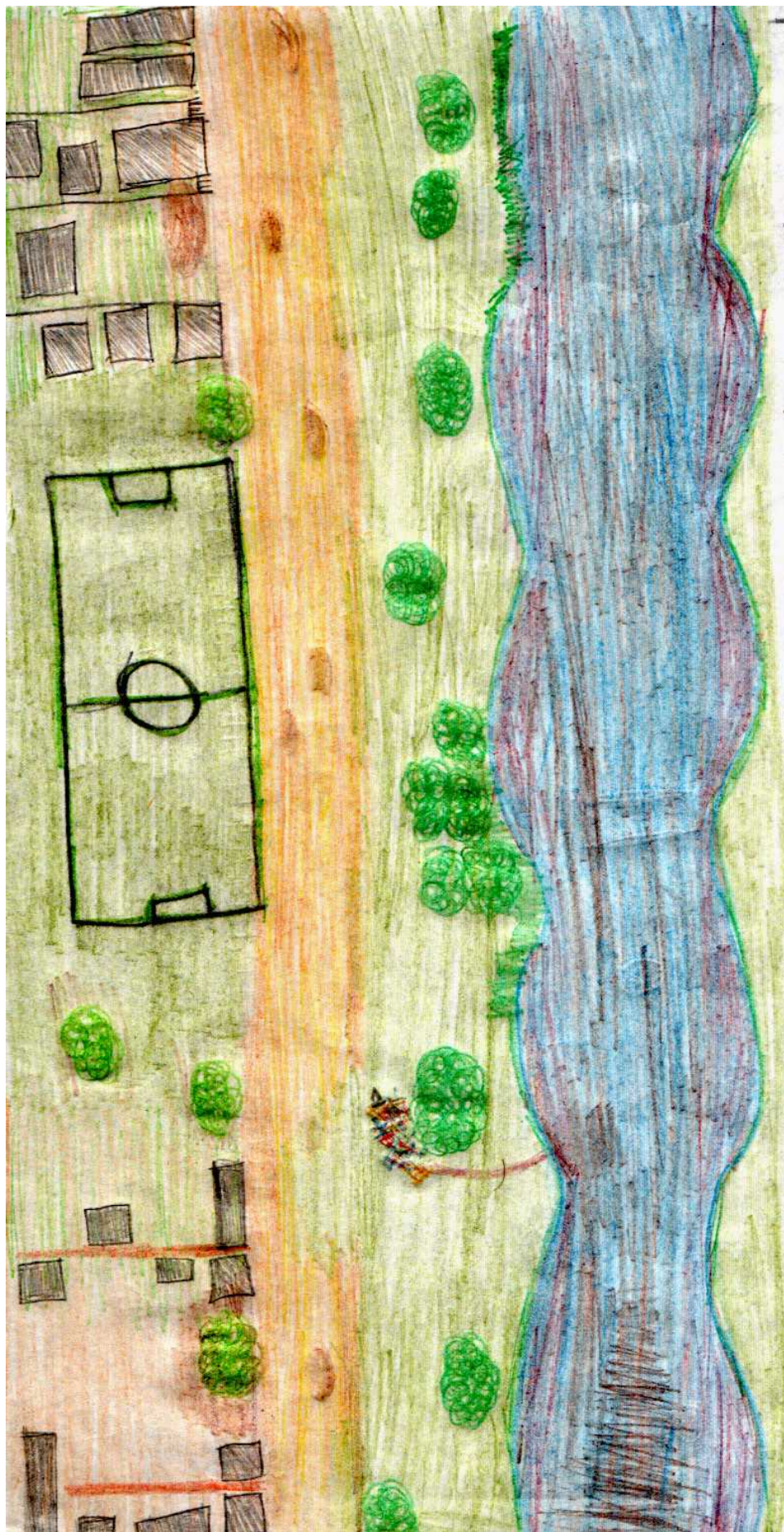
- Rio preso, canalizado, delimitado por cimento.
- cidade "por cima", ribeira de cestas, com "olhos" no lado para si mesma.
- espaço para automóveis? liberado... espaço para natureza? muito mercado.
- neste cenário rio é canal e "enfite", seu curso é modificado e depois contido, se exploram espécies para que a cidade acite.
- tanto os trechos de rio quanto da cidade fazem parte de algo maior e que é mitológico no caminho

PRIMEIROS PASSOS

A caminhada às margens do arroio Pepino constituiu-se enquanto atividade pedagógica das disciplinas Antropologia e Meio Ambiente e Antropologia Urbana, realizadas pelo Bacharelado em Antropologia, do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A proposição da atividade é a do descobrir-caminhos (INGOLD, 2005), como forma de (re)conhecer algumas relações tecidas na cidade de Pelotas com as suas águas. Percorremos o trajeto de cerca de 5 km de extensão acompanhando o movimento inquietante do Arroio Pepino no dia 19 de setembro de 2018.

A região por onde andamos forma a Bacia Hidrográfica do Arroio Pepino, que tem a foz no Canal São Gonçalo, canal de ligação entre a Laguna dos Patos e a Lagoa Mirim, em Pelotas, Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil. O Diário Gráfico que resulta desta caminhada é um registro etnográfico que faz confluência sensível entre texto, imagens, sons, gestos, elaborado coletivamente. Nesse sentido, tece aproximações com o texto, sem, necessariamente, complementá-lo, por meio do registro das formas expressivas que surgem no encontro com as águas do Pepino.

Utilizamos o conceito de montagem, de textos e de imagens (BENJAMIN, 2009; JACQUES, 2017) como uma forma de (re)conhecer Pelotas, a partir de



- Rio mais livre,
depois que desemboca
muda cheiro,
textura, espessura

- tratado como um
valetoás,
resíduos por toda
parte, lixo

- casas próximas,
contato próximo,
sem asfalto,
sem muros altos.

- menos controle
sobre a natureza,
os céus são altos.

- terreno pouco
favorável para
automóveis...

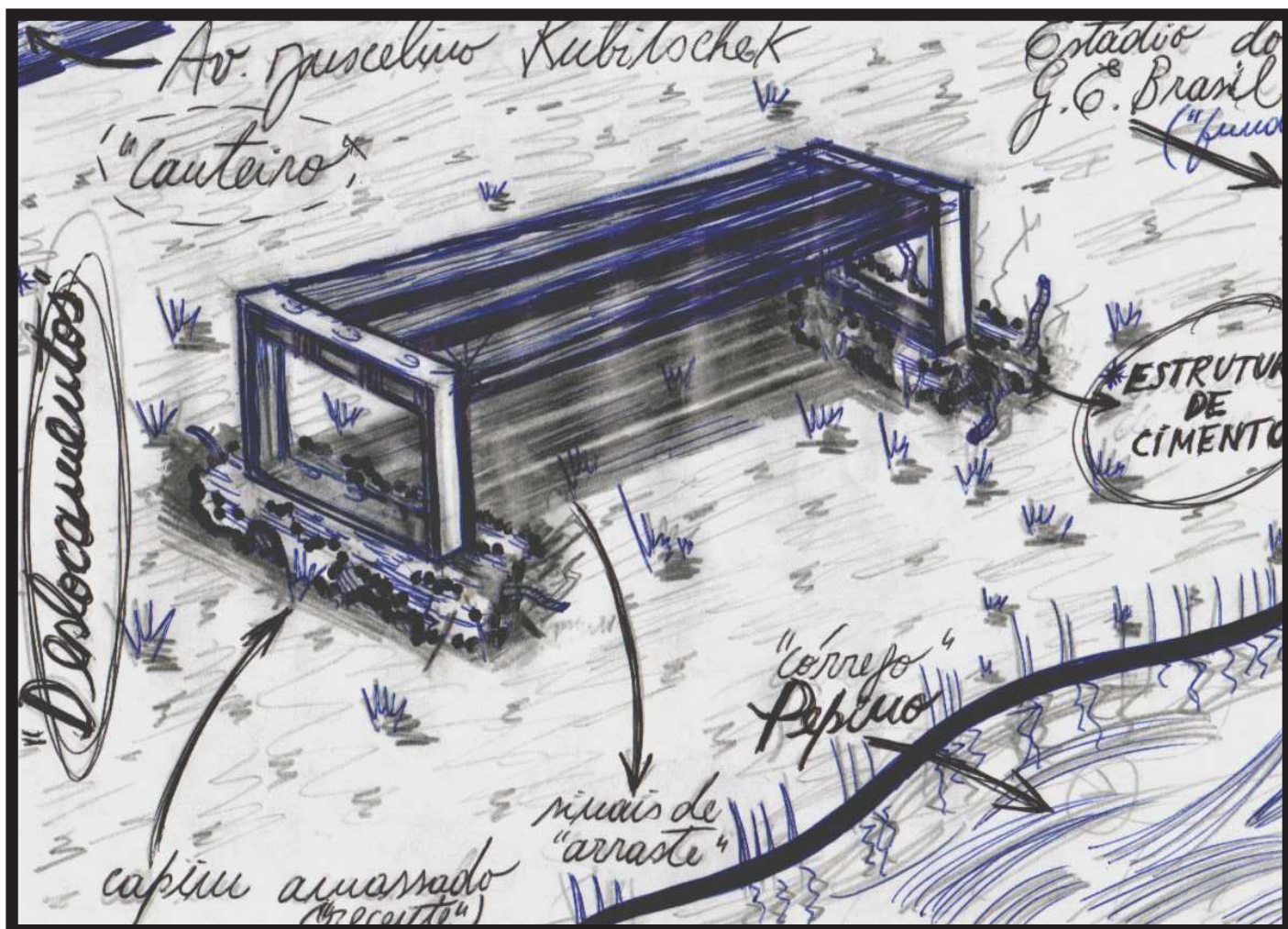
- pessoas nas ruas,
ocupando espaços,
meios.

- o cheiro do rio,
atribuído pela
cidade, é sentido
por toda a parte...
invasão.

- muda a paisagem,
muda o aspecto
do rio, e da
cidade.

diferentes relações da cidade e de seus habitantes com o Arroio. Uma montagem em forma de choque, que pode justapor elementos conflitantes, mas presentes em campo. Como aponta Dawsey (2013), algumas dessas imagens, emancipadas de seus contextos, “como as dos planos na montagem de um filme”, articulam-se de formas surpreendentes. Na aproximação de elementos, que num primeiro momento podem parecer distantes, a montagem tem a capacidade de expor alguns aspectos não resolvidos da vida social. Para Dawsey (2013, p. 314), quando imagens do passado articulam-se ao presente numa montagem carregada de tensões, os efeitos podem ser explosivos: “Nesses casos, surgindo dos fundos de uma história encorporada, o comportamento restaurado se manifesta na forma de um gesto inquietante, desarrumando, ou colocando em polvorosa os contextos semânticos”.

A experiência de caminhar, seguindo o fluxo das águas, é traçada aqui da nascente à foz e da foz à nascente, em diferentes linguagens, busca ir do estranhamento à familiaridade – e novamente ao estranhamento, partindo dos contextos etnográficos que desenvolvem-se nessas margens. Percursos que nos mostram a particularidade de lugares e de temporalidades, que fazem do arroio Pepino uma referência para pensar os limites da cidade de outrora e o sítio charqueador pelotense. Movimentos que compreendem a criação de “espaços da morte”, conforme



Taussig (1993), e de resistências, que tencionam os modelos de modernização das cidades, em que a presença da bacia hidrográfica é invisibilizada e o Arroio confunde-se com uma valeta. Movimentos de vida e de morte, que aparecem e emergem nesta montagem a partir dos fragmentos da experiência de seguir o fluxo das águas, observados pela presença de um arroio urbano.

Propõe-se, aqui, a levar a sério regimes de relação que questionam os limites da divisão entre Natureza e Cultura ou entre Indivíduo e Sociedade. Em vez disso, uma relação contínua, dinâmica, em que o existente torna-se visível. Em outras palavras, Arturo Escobar (2014) nos convida a experimentar pelos “olhos da relacionalidade”, ao invés

de falar em torno de “uma” natureza, ao tornar visível algumas das relações que compõem o Arroio Pepino. O autor propõe ser “co-pesquisador” dos processos de produção de vida, entre interações e transformações que regeneram a própria rede. Observando atentamente, desde a perspectiva da relacionalidade, o Arroio não é pré-existente à amalgama de relações que o configuram.

A inspiração em Tim Ingold (2016) é clara nesse aspecto, principalmente, quando o “sentirpensar” implica ser guiado (pelas águas) e ser atraído ao desconhecido. Nesse sentido, rastrear a Bacia Hidrográfica do Arroio Pepino é lançar-se em um emaranhado de relações, no qual o pesquisador sente e



pensa com a água, ao vagar pelos caminhos, curvas e margens. Ingold (2016 p. 12) explicita: “la imaginación no es una capacidad mental que permite la generación espontánea de ideas, sino una manera de vivir creativamente en un mundo que es en sí mismo ‘crecien-

te’ y está en continua formación”. Não se saberá o que ocorrerá. Ao caminhar, estamos recordando o caminho prévio, mas, ao mesmo tempo, fazendo movimento originais, que levam a novas experiências. Novas possibilidades.

A PELOTAS ANTIGA NA PELOTAS PRESENTE

A colonização de Pelotas, na região costeira do Rio Grande do Sul, deve-se às suas águas, em função das demandas das atividades das charqueadas, em sistema de plantations, com utilização de mão de obra escravizada, no fim do século 18 e ao longo do século 19, período de opulência da cidade, que, como muitas outras, teve Paris como modelo para a urbanização, para a edificação de prédios públicos e para a pavimentação de ruas. A Bacia Hidrográfica do Arroio Pepino abrange a região conhecida, também, como o Antigo Caminho das Tropas, logradouro de passagem do gado em direção às charqueadas e, posteriormente, aos frigoríficos.

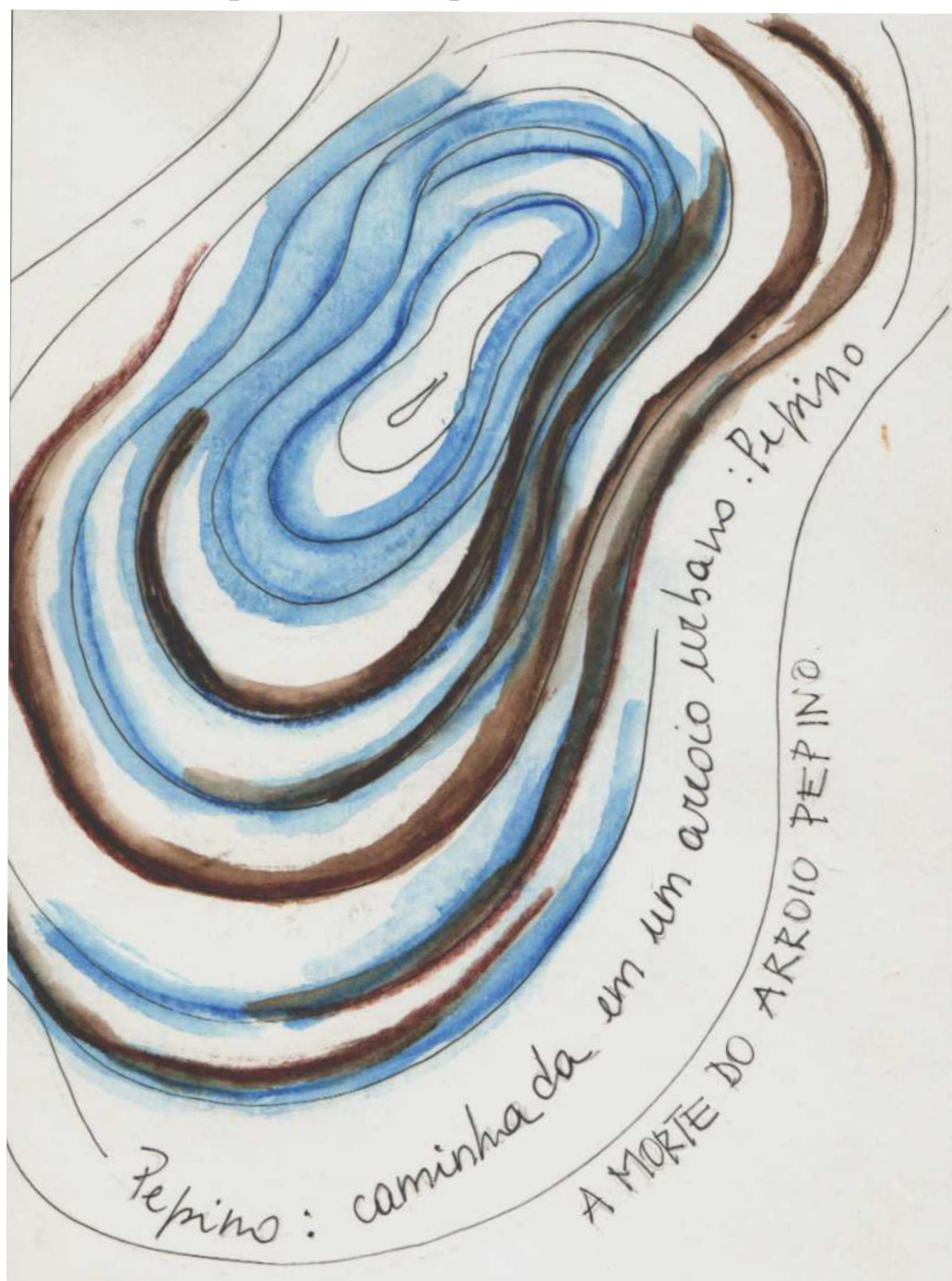
De acordo com a narrativa do Sr. José Camilo Pires Pereira, artista plástico e peão campeiro, morador da região da Balsa, por ali havia um “braço” do Pepino. Do Passo dos Negros, às margens do Canal São Gonçalo, chegavam as tropas de gado em direção ao frigorífico. Quando criança, Camilo esperava as tropas cruzarem por dentro desse antigo canal para colher a argila sova-da pelas patas dos bois e dos cavalos. *“Eu gostava muito de fazer bonecos de barro. Então, quando vinham as tropas, eu ficava faceiro, pois os bois socavam o barro na beira do canal. Tinha um canal, desde aqui de cima da Rua Tiradentes, que escoava água em direção ao São Gonçalo. Na beirada, juntava muita argila cinza e a boiada, quando passava, sovava. Eu, igual a forneira, saia*

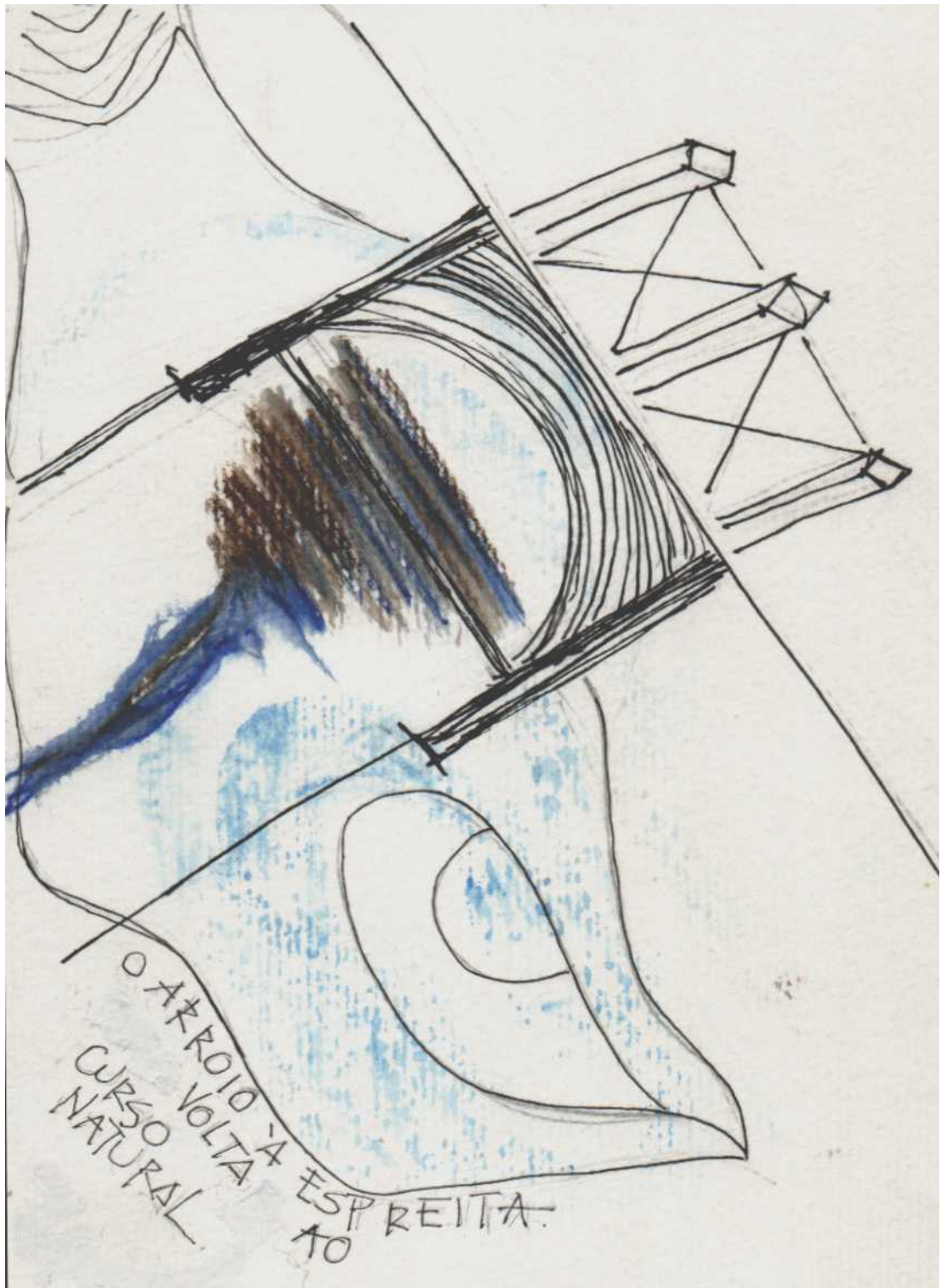
correndo e juntando para fazer meus bonecos.”

De localização estratégica, a área do Arroio faz a conexão entre diversas regiões da cidade. A avenida marginal ao curso d'água é considerada um importante eixo estruturador e possui ao longo da sua extensão, vazios urbanos com potencial para serem utilizados na criação de parques urbanos. No entanto, esses locais são de grande interesse aos agentes imobiliários, que

geram pressão no sentido de tomada destas áreas verdes. A borda do Arroio faz a interface entre a área urbanizada e o remanescente natural, considerada zona de preservação conforme a legislação ambiental vigente no País (MACHADO, 2017).

É uma região inserida entre duas áreas de influência na formação urbana: a Oeste o centro histórico e a Leste o sítio charqueador, ambos reconhecidos como patrimônio cultural do municí-





pio. A zona do entorno do baixo curso do Arroio Pepino caracteriza-se como de especial para interesse do ambiente cultural, conforme o III Plano Diretor de Pelotas¹, principalmente, na região da foz do Arroio. Localiza-se, ali, o prédio do antigo Frigorífico Anglo, atualmente, transformado em Campus Porto da UFPel. O exemplar é considerado um prédio de interesse cultural inseri-

do no setor social do Sítio Charqueador Pelotense, área de preservação da ambiência.

A linha do Arroio pode ser apontada como um divisor Leste-Oeste na cidade, apresentando um desnível geométrico de 14m, com o comprimento do curso d'água de aproximadamente 5km. De acordo com Paulo Roberto Soares (2000), em 1915, ocorreu a primeira intervenção pública no Arroio Pepino. A obra de canalização e retificação foi realizada no baixo curso do Arroio, bem como a drenagem da região administrativa Várzea, que, por estar no mesmo nível do Canal São Gonçalo, inundava em épocas chuvosas. Entretanto, as obras que iriam modificar todo o curso do Arroio ocorreram, somente, no ano de 1949, devido às frequentes enchentes no local.

Pelotas construiu sua estrutura de saneamento público valendo-se dos cursos d'água, são canais de esgoto que desembocam no Arroio Pepino. Pelo caminho, percebe-se inúmeras bocas despejando detritos. O Pepino encarrega-se de levar o esgoto para o Canal São Gonçalo. Num passado recente, foi escoadouro de detritos dos curtumes instalados ali. Do São Gonçalo, os detritos chegam à Laguna dos Patos e ao Oceano Atlântico.

O Arroio, quando transformado em esgoto, perde o nome e a referência como memória da cidade; assim como deixa de ser um personagem da cidade, pre-





sente nas trocas que produzem a paisagem, para tornar-se elemento de uso anônimo. Na atualidade, outros fatores presentes na lógica de conformação das cidades contribuem para a invisibilidade do Arroio: a ênfase no fluxo urbano por automóveis individuais, submetendo a experiência do espaço público dos cidadãos a uma paisagem produzida pelo movimento rápido, dificultando o discernimento do que está para além da janela dos carros; a verticalização das cidades, por meio da construção de prédios e de condomínios; a impermeabilização do solo, com a aplicação de asfalto nas ruas e avenidas; a lógica do lucro que opera na ocupação do espaço urbano, que leva a uma arquitetura voltada para a densidade, em espaços cada vez mais privatizados, relegando o “passeio público” às atividades funcionais, utilitárias. No caso do Arroio Pepino, a função de esgoto, afluente do chorume da cidade.

E, é essa história do Arroio Pepino, que conforma uma Bacia Hidrográfica em plena Pelotas, conectando-nos às lagoas, às lagunas e aos mares, percebida por muitos moradores como uma valeta, como um “valetão”, ou como um “valão”, que propomos contar.

CAMINHADA ÀS MARGENS DO ARROIO PEPINO

O Arroio se constitui em Bacia Hidrográfica entre o espaço urbano. Iniciamos a caminhada pela nascente do Pepino, embora não possa ser visualizada. O verde parece se sobressair em razão das plantas que germinam no canal e o azul sugado pelo marrom que sai das bocas de lobo. O concreto a cerca por todos os lados. As ruas são largas, vê-se mais carros que pessoas. O lugar, definitivamente, não é idealizado para estar a pé, apenas para passagem, preferencialmente, de carro, ou de ônibus – que levam os moradores para diversas regiões de Pelotas.

Um educar a atenção para coisas que o olhar não via. Uma delas é que há muitos córregos enterrados vivos embaixo das estruturas da cidade. Um emaranhado silencioso de correntes de águas que conformam a Bacia Hidrográfica do Pepino. Suas nascentes estão, atualmente, soterradas pelas estruturas de cal e cimento da cidade, situadas em áreas próximas ao ponto comercial Macro Atacado Krolow. No local, começava a área da Tablada, espaço em que, nos séculos 18 e 19, chegavam as tropas de gado bovino para serem comercializadas para as charqueadas.

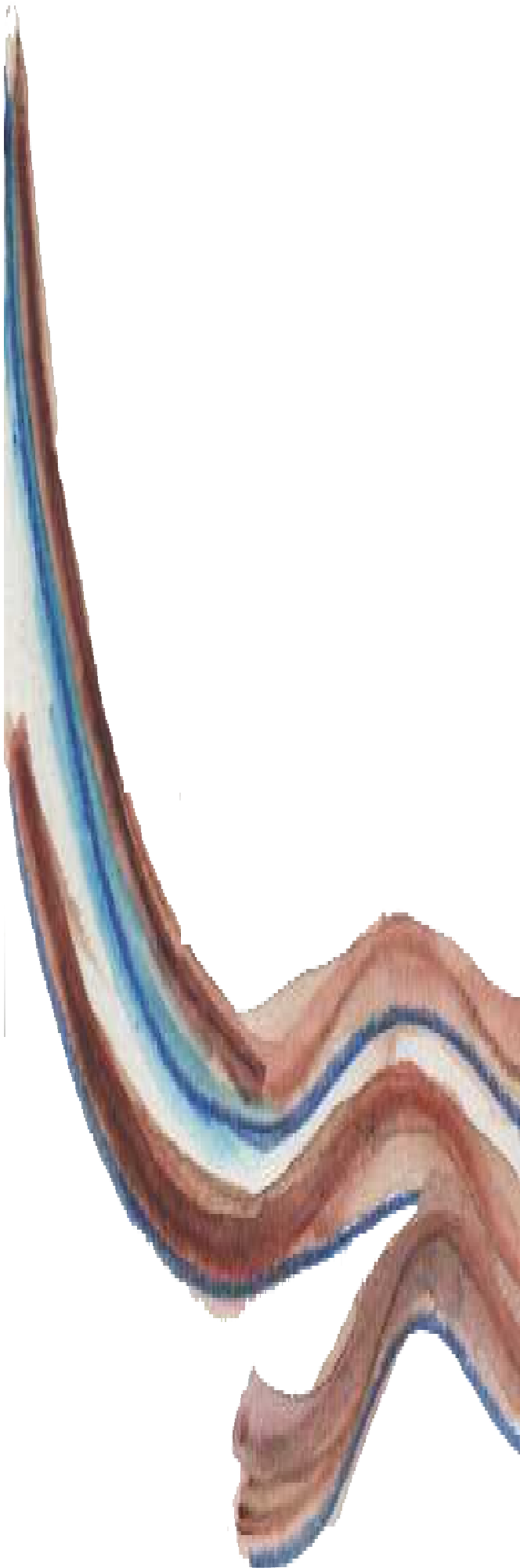
O Arroio segue pela Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, num curso artificialmente canalizado, em 1949, em concreto, devidamente civilizado,



de acordo com a disposição da cidade, para receber dejetos da população urbana, bem como compor a paisagem de forma disciplinada. Aqui temos velocidade, som de motores. O Pepino ora pode ser visto, ora não. As ruas o atravessam, encontra-se retificado, acinzentado.

Em certos pontos, podemos escutar as pequenas quedas artificiais de água, em breves momentos, durante uma pausa do trânsito. Algumas árvores aparecem resistindo ao concreto, à beira do Arroio. Formigas seguem com suas atividades, enfileiradas. Ratões-do-banhado (*Myocastor coypus*) fogem assustados com a nossa presença. Paradoxalmente, notamos um banquinho vazio no caminho e um vaso de Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*), indicando a apropriação do espaço por pessoas e por crenças. Também, garrafas, velas, indícios de que o Arroio Pepino é palco de oferendas, confirmado por mais um pratinho, com restos de comida, sendo devorado por formigas.

Uma forma importante de manutenção sociocultural das populações de matriz africana é estar conectado com a natureza, por meio das águas, das matas, da terra. Como “linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARRI, 1995), a relação com o sagrado no espaço urbano geram encontros por caminhos imprevistos e inesperados, por onde escapam das linhas duras e despolitizantes. Fazem, assim, contato com pontos, por vezes, distantes, em movimentos inquietan-



tes, nômades, nas margens de arroios e nas margens das histórias que a cidade conta sobre si.

As margens do Pepino vão estreitando-se, até que nossa passagem é impossibilitada. Tivemos, então, que cruzar a Avenida e continuar a caminhada na calçada. A Avenida Presidente Juscelino Kubitschek que foi desenhada para priorizar o trânsito dos veículos pode ser analisada a partir da proposição de Escobar (2016). Como um desenho dominante da modernidade que enquanto pressiona, mutila o espaço vital de relações em torno do Arroio Pepino. Aqui é revelado um conflito em que duas formas diferentes de desenhar se esforçam por manter a sua existência. Nós, como caminhantes, também sentimos essa imposição ao ter que mudar



os nossos movimentos pela disciplina do desenho da retificação do Arroio e da Avenida, porém, o esforço aqui é de tornar visível a resistência do Pepino que continua brotando, fluindo e interagindo. E, nós fugindo, na medida do possível, da disciplina do desenho dominante, ao lutar pelo movimento que queremos manter que é seguir o fluxo de vida do Arroio.

No entroncamento das ruas Juscelino Kubitschek, Bento Gonçalves e Ferreira Viana, o canal aumenta e sua presença torna-se marcante devido ao cheiro do esgoto. No local, construiu-se uma bifurcação ao longo da Avenida Bento Gonçalves para controlar a vazão d'água em dias de chuva. Há uma praça próxima, sem indicar nenhuma relação com o canal. O Pepino é habitado por cágados, que víamos aos montes, entre os amontoados de lixo. A vegetação cresce dentro do canal, anúncio da presença do que resta dos banhados, mais à frente.

Seguindo a caminhada, descendo em direção à foz, presenciamos o avanço dos empreendimentos imobiliários sobre as áreas de banhados que seguram as águas para a drenagem da cidade. Por tal lugar, chegam as águas do “Canalete da Argolo”, construído, em 1928, para dar conta de uma sanga que causava inundações. Foi desenhado pelo engenheiro sanitarista Saturnino de Brito, que optou por um canalete aberto, indo contra as opiniões da época, que defendiam a construção de uma



galeria subterrânea como mais eficaz para a contenção das águas.

O que nos surpreende, de início, é uma vasta área verde preservada. A paisagem e sonoridade remetem ao selva-gem. Flores amarelas colorem alguns pontos. Pássaros cantam sua presença. Algumas passadas, no entanto, e notamos a construção de edifícios contrastando ao verde. As construções dos prédios soterram tais banhados, tomados por juncos, aguapés, taboas, corticeiras, sabiás-do-banhado (*Embernagra platensis*) e maçaricos-do-banhado (*Phimosus infuscatus*).

O Pepino segue entre duas vias para automóveis e para motocicletas. Caminhávamos pela pista ciclística, construída há poucos anos. Cruzávamos por pessoas correndo, skatistas, ciclistas. Na altura da região do Navegantes, os dois lados do trecho parecem se diferenciar consideravelmente. Do lado direito da Avenida, a Modernidade já se anunciava. Em sua extensão notamos a recente ciclovia, pontos de ônibus com estrutura de vidro, postes espaçados simetricamente e sem fios. Do lado esquerdo temos condomínios horizontais, casas e alguns comércios. Nos postes, os fios se misturam. Notamos algumas vielas que entram para o Navegantes.

Na Rua Tiradentes, atravessada pelo canal, a paisagem modifica-se ainda mais. Não há mais prédios ou condomínios em construção, mas pequenas

casas com telhas de fibrocimento, bem mais baratas do que as feitas em barro. Muitas árvores e a grama não estava aparada. Plátanos juntavam-se a uma diversidade maior de espécies, entre exógenas e nativas. O portal para esse outro universo parece se anunciar a partir do chão de terra. Agora, os carros perdem espaço, podemos escutar o som dos nossos passos e os gritos da molecada jogando futebol em uma quadra, perto do Arroio. Mais à frente, confundem-se com o barulho das fábricas.

No local, o Pepino faz-se presente, com margens alargadas e cheiro forte. Se temos algo do outro universo social aqui, é o acúmulo de esgoto e de lixo. Encontramos um aparelho de televisão estragada na beira do Canal. Um cavalo magro pasta na grama rala. Diversos cachorros circundam o animal. Um menino brinca de jogar coisas na direção do Arroio, enquanto outros andam de bicicleta. Moradores conversam, na frente de suas casas. Uma majestosa figueira (*Ficus carica*) sobrevive, entre entulhos de construção civil, de lixo e de móveis. Nela não se avistou nenhuma oferenda, visto que para as religiosidades de matriz africana é comum o depósito de oferendas aos pés da árvore. Em vez de oferendas, muito lixo, aquilo que a cidade descartou e rejeitou. Oferendas da Modernidade. Enquanto isso, passa uma charrete conduzida por duas meninas.

Ao fim, estávamos próximo ao Campus

Anglo da UFPel. O cheiro forte do esgoto é marcante. Há um prédio grande. Uma “estação elevatória”, responsável por passar, artificialmente, a água para o Canal São Gonçalo.

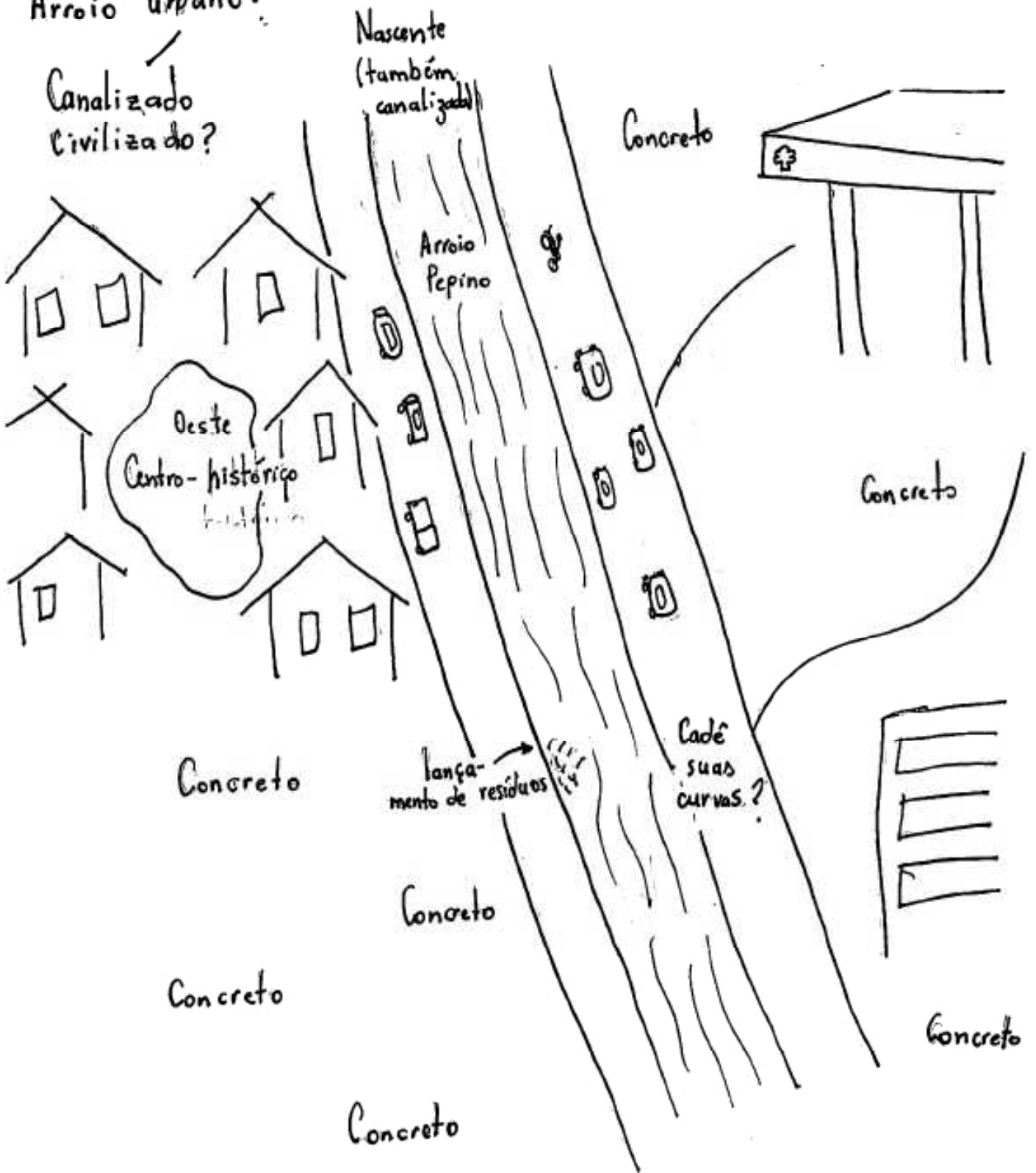


Noção
pre-campo

Arroio urbano?

Canalizado
civilizado?

→ Cadê o verde?
Tem cachoeira?

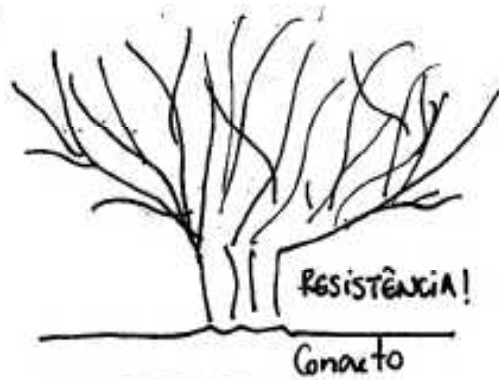


Senhora
passava com
dois cachorros

→ Mais
alguém?

Margem de
carros, condomínios,
pastos, construções, casas

Plantões de
venda



Um banguinho
de concreto
no caminho

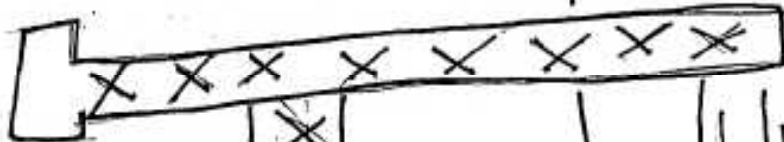
↓ Perto



Espada
de São
Jorge

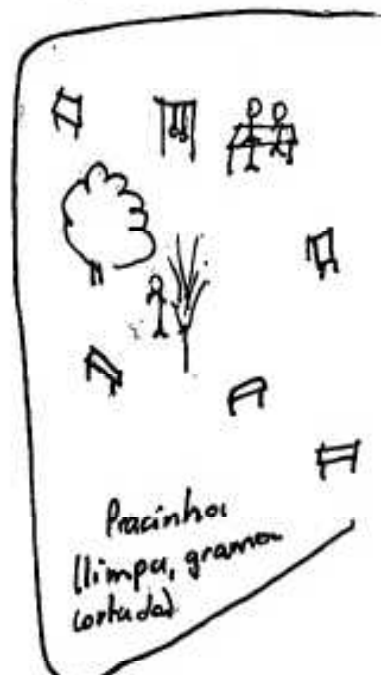
Canal se
enbriague

Abastecedora JK



Obra
a frente!

Farmigas
Comicham



Trabalhadores







W
O O O
R P

ROYAL
PARK

UFFE

Onde termina?
↓
termina?

Onibus UFPA
caminha
↳ nos encontra
no fim (!)

Canal se alarga
↳ passagem de pedestre
se aperta

↓
Rua entre nós e
o arroio

Pontos ligam um
lado ao outro
Ruas contornam

Museu Baronesa
↳ Charqueada
Praia do Laranjal

Lixos nas paredes
do canal

Ruas perpendiculares insi-
nuam vilas / bairros, vida.

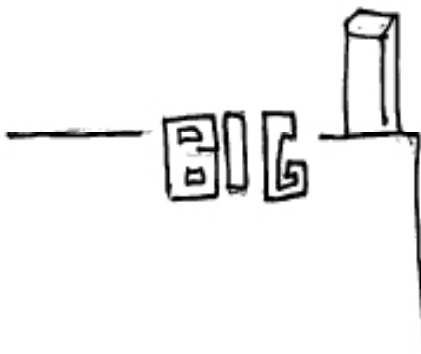
Moradores
do Repino



Perabo onde estamos
Do lado de casa
Mas não era um esgoto?

Cheiro forte
de esgoto

↳ Lixos

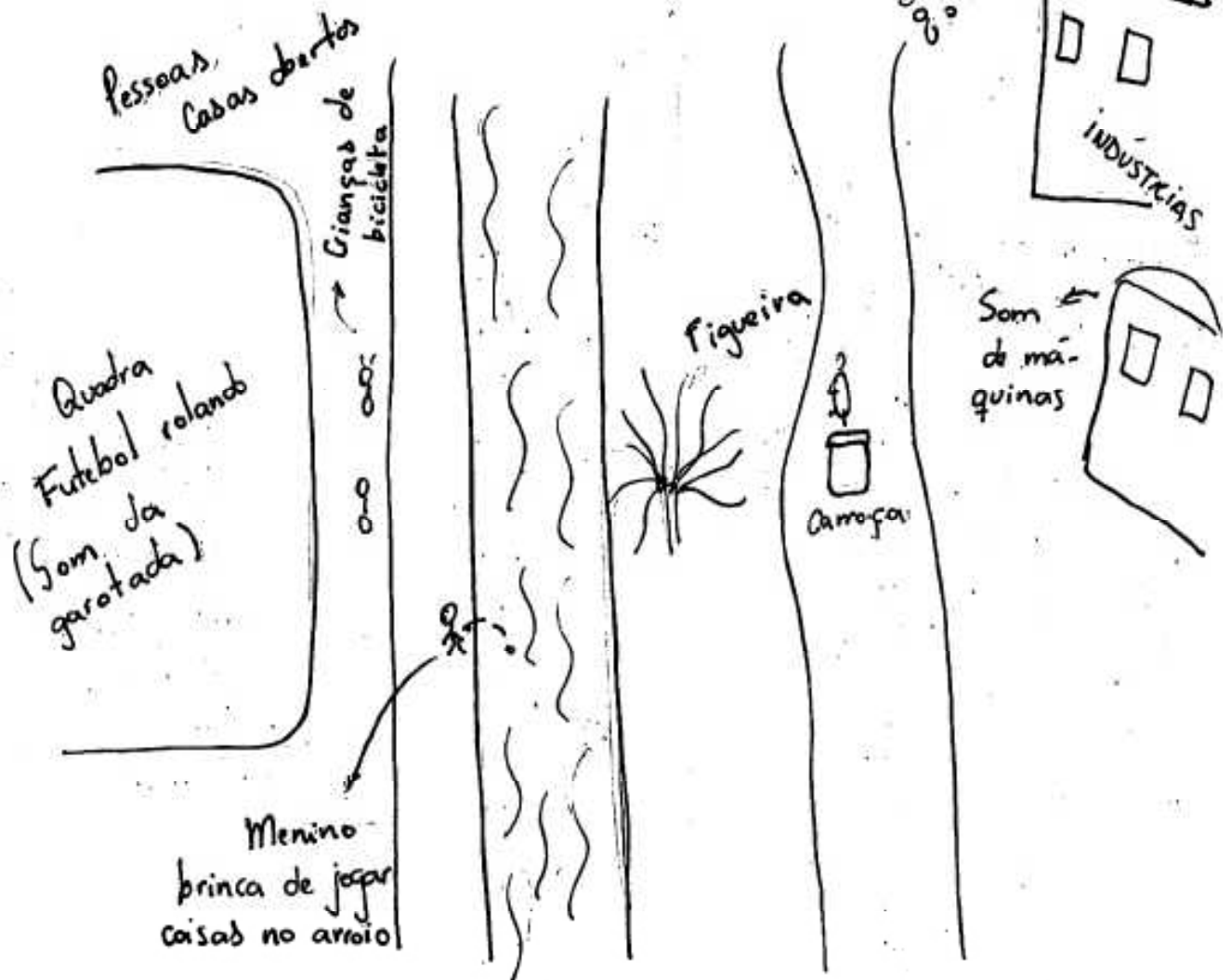


Outro contexto

↓
Arroio continua

→ Caminhar na areia

↳ Os passos ganham som
maior interação
com o meio

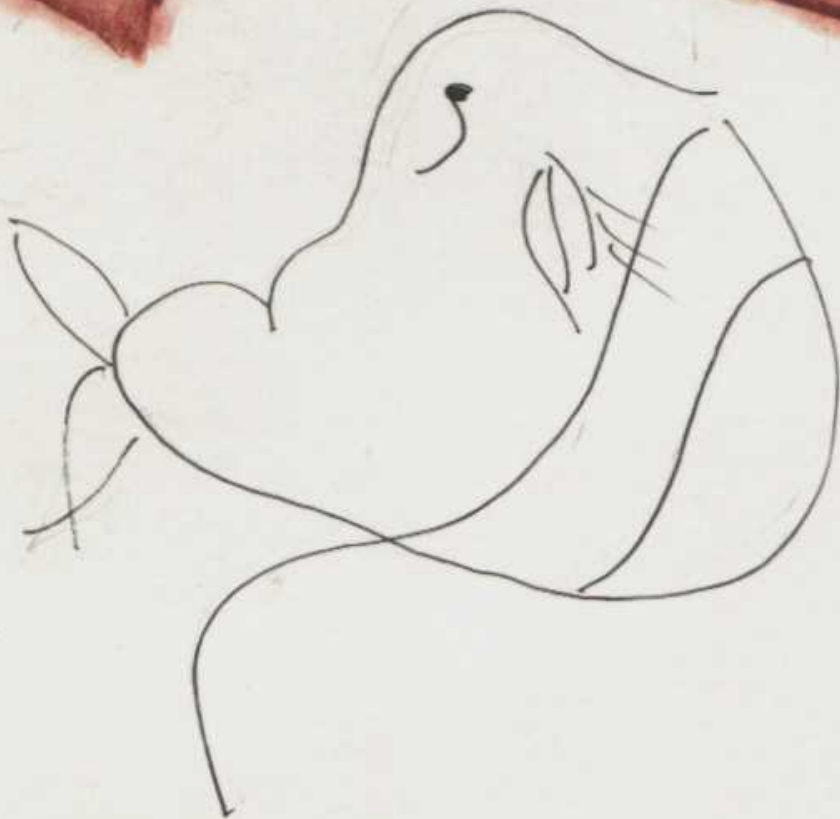


Mais perto da
foz → mais forte
o cheiro → mais lixo
↓
mais vida





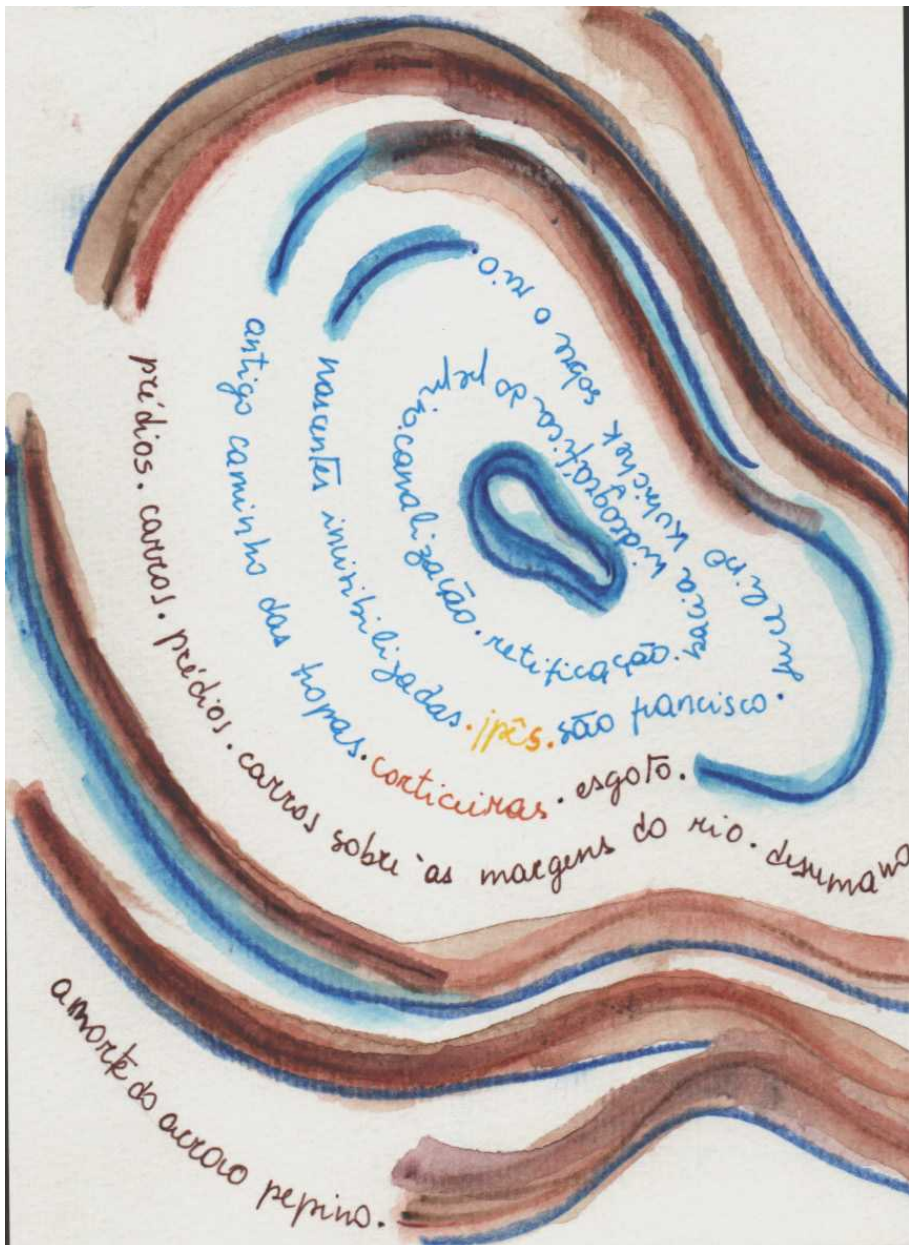
cheiro de esgoto. cheiros de esgoto





SOBRE MORTE E RESISTÊNCIAS DE UM ARROIO URBANO

Ao longo do percurso, fomos apresentados a diferentes formas de interação com o Bacia Hidrográfica do Arroio Pepino, na cidade de Pelotas. Uma transição entre realidades assimétricas, o espaço entre, onde surge movimento, conflito, ruptura, indefinição. Indefinição do que é e do que pode vir a ser. Afinal, quanta potência urbana pode haver neste local, nesse entre-lugar? Segundo Igor Guatelli (2012) é nesses espaços heterogêneos, não hierárquicos, ricos em contradições, que acontece o movimento de invenção. Espaços potentes, que encontram-se a espera de



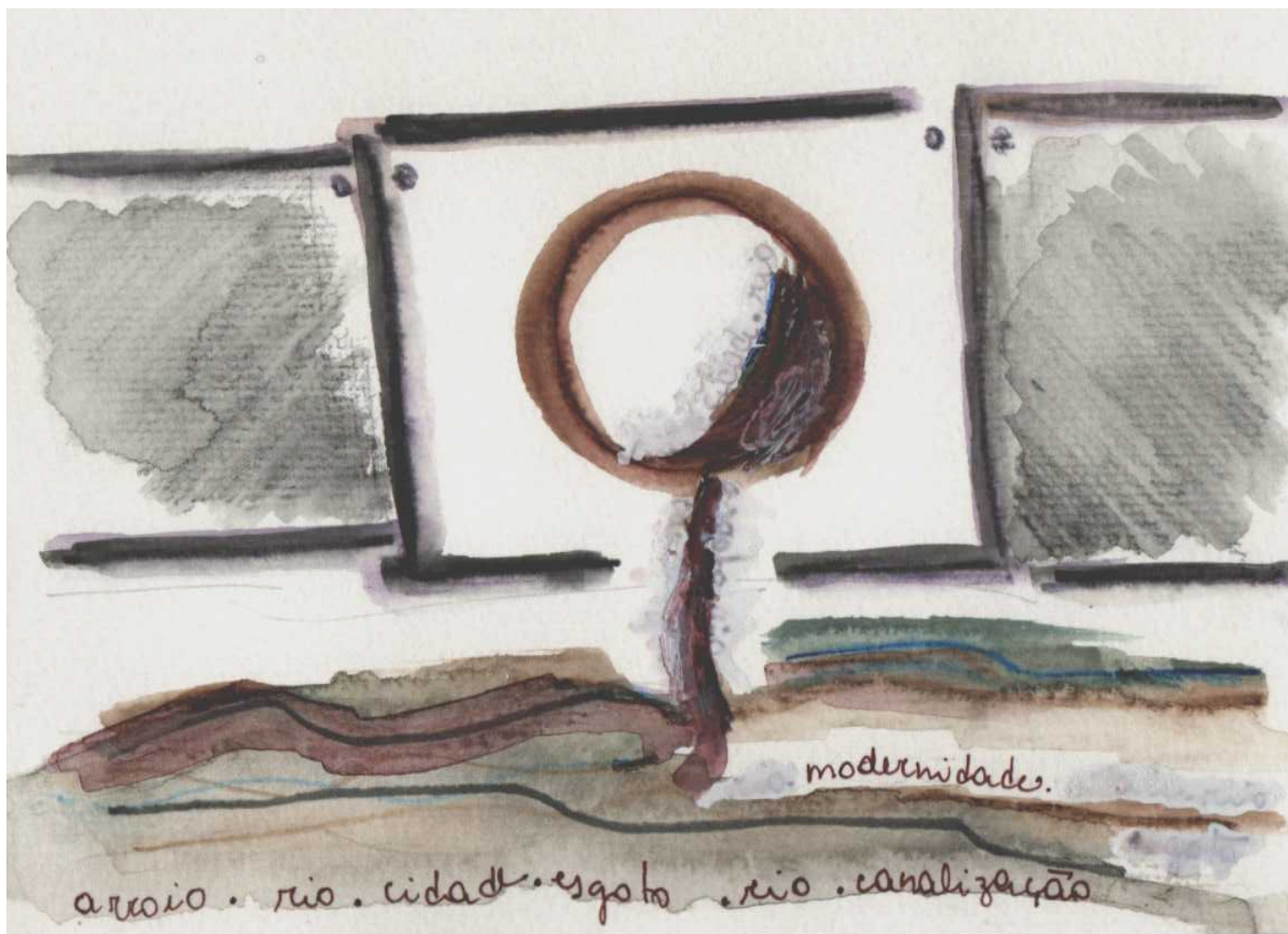
significações, um lugar propício ao advento do novo, em processo, ainda não atrelado a permanências. Nesse lugar, emerge o ritornelo, onde o “território está sempre em vias de desterritorialização, ao menos potencial, em vias de passar a outros agenciamentos, mesmo que o outro agenciamento opere uma reterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 137).

Esse entre lugar, fissura no centro da linha que opõe os extremos, não é um local pronto a ser utilizado. Em diferentes tempos o espaço configura-se de formas distintas. Aqui está aberta a possibilidade de experimentação. Ambiguidade e instabilidade são alcançadas nos interstícios, nos espaços residuais, sempre abertos a processos de apropriações diversas e a permanentes interrogações, capazes de (re)significação incessantemente (GUATELLI, 2012). Que une e que separa. Espaço que dispara a vontade de investigar, por meio do olhar, por meio dos sentidos. Busca-se o entendimento pelo que habita nas bordas. A caminhada propõe um mergulho do corpo nesse território, o corpo como responsável pela compreensão do espaço, buscando percepção, pensamento, reflexão sensível. Assim, por meio da experiência do corpo no espaço, reconhecemos os lugares e suas naturezas.

Estudar o meio urbano, a partir do ato de caminhar como ferramenta de investigação, possibilita uma apreensão do ambiente, com maior preocupação

em experimentar práticas, ações e percursos do que com a tradicional observação de cima, no campo das representações, planificações e projeções. Importa mais a experiência de estar dentro, da forma como a cidade é vivida e praticada ordinariamente (CERTÉAU, 1994). Um conhecimento espacial subjetivo e lúdico, ao invés de um conhecimento técnico, baseado apenas em dados estatísticos, quantitativos e objetivos. Ao caminhar, pretende-se uma aproximação sensível com a cidade.

Atenta-se, aqui, para as investidas realizadas pela especulação imobiliária no mundo urbano, enquanto desvirtuamentos, usurpações e mutilações dos desenhos autóctones das pessoas com suas águas e com seus arroios. Nesse ponto, Mario Blaser et al. (2004) realiza uma distinção entre “projetos de vida” e “projetos de desenvolvimento”, com base na sua pesquisa com os líderes indígenas Yshiro. Para Blaser et al. (2004), os líderes Yshiro impulsionam projetos de vida, que estão densamente conectados com as suas histórias, e incluem experiências do mundo e do seu futuro, a partir das experiências e da rejeição a verdades universais. Esses projetos estão em construção e, por isso, não engajam-se nos projetos de desenvolvimento, que, geralmente, acompanham objetivos específicos sobre uma realidade desenhada apenas por grupos técnicos. Linhas duras, refletidas por Deleuze e Guatarri (1995), que separam, que criam dualismos e



que mutilam vidas, corpos e rios.

Mas será que o Arroio Pepino ainda tem vida? Alguns dizem que não. Outros dizem que sim. Contam que vez ou outra, ele tem seus momentos de empoderamento e rebeldia. Engole carros, que caem nas águas lamacentas. A chuva vem para fortalecê-lo e não há concreto que o esconda. Nesse sentido, são valiosos os estudos como os de Marisol De la Cadena (2010), Mario Blaser (2010), Fabiana Li (2016), que percebem a multiplicidade de relações que ocorrem no “lugar”. Se a vida constitui-se em fluxo, num emaranhado de relações, o que pode ser a morte?

Será que no Pepino ecoam, também, as mortes com os entes que se relacionam

com as águas? As oferendas, percebidas ao caminhar, indicam a atualização da interlocução com os não-humanos, com os Sobre-humanos, com os espíritos e as entidades que habitam o Arroio – que habitam a vida. Neste sentido, é importante pensar nos fluxos de vida que compõem os desenhos da cidade, pois a interrupção da vida do Arroio, transformado em esgoto, pactua a morte da/na cidade.

DESCOBRIDOR-CAMINHO

Conforme Ingold (2005), descobrir caminhos é um desempenho habilidoso pelo qual o viajante “sente o caminho”; onde os movimentos são respostas às situações do ambiente, no caso, o ambiente urbano. “Seguir o caminho”, conforme Ingold (2015, p. 27), “é menos intencional do que atencional”. O caminho leva o caminhante pelo trajeto, o que importa é manter o olhar atento para sinais sutis que indiquem o caminho à frente. Sinais que “te mantêm no caminho, e não te convidam a se afastar dele, como fazem as propagandas” (2015, p. 26).

Aquele que anda, conforme o autor (2015, p. 34), submetendo-se ao mundo e respondendo aos seus acenos, segue adiante, “abrindo caminho no fluxo das coisas”. Está, verdadeiramente, presente no mundo. “O preço dessa presença”, afirma Ingold (2015, p. 34), “é a vulnerabilidade, mas a recompensa é uma compreensão fundada na experiência imediata, daquilo que está além do conhecimento”.

Assim, o Arroio urbano aparece, também, como linha. Lugar que une as fragmentações do espaço. Múltipla e singular, encerrando em si fortes desigualdades, que se mostram ao longo do percurso. Ao caminhar detectam-se as forças que atravessam esse território único, área limite, espaço de transição. Complexidade e multiplicidade são agudas nesse lugar de natureza li-



miar na história e na cidade de Pelotas. Bordas que são como limites, mas ao mesmo tempo não os possuem, porque configuram-se como dispositivos de travessia, de conexão. Seus limites estariam fora da sua própria borda. Assim, transbordam. O limite-borda como elo – penetrável, estreito, definido – lugar de conexão, mudança e transição.

Kevin Lynch (2011, p. 113) define que



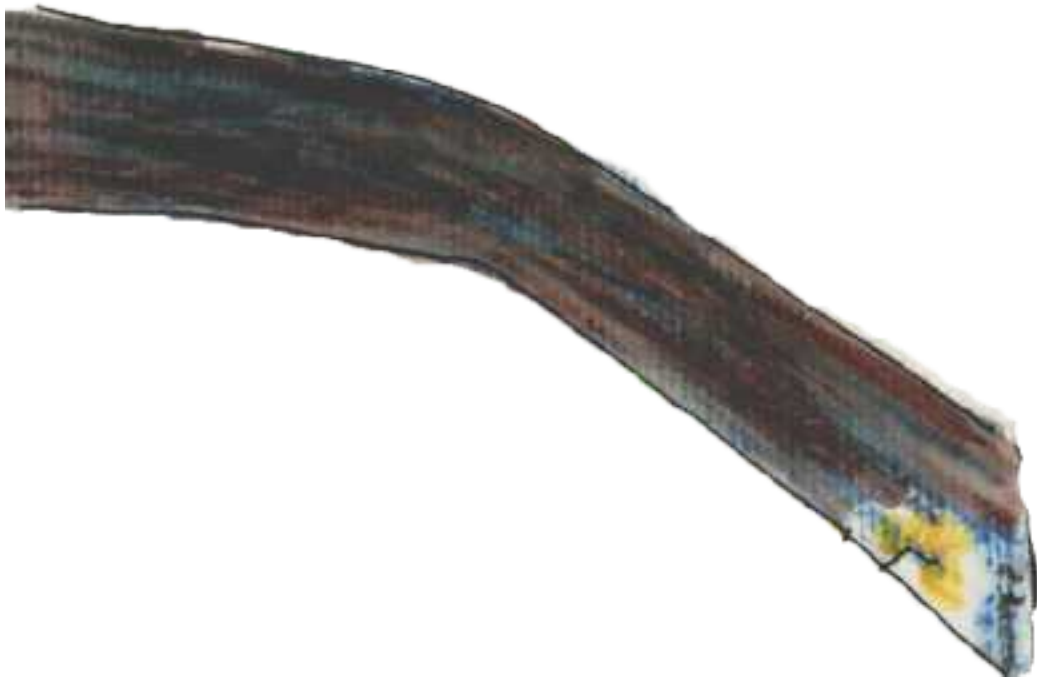
uma linha divisória pode ser mais do que simplesmente uma barreira dominante, “se for possível ver ou mover-se através dela – se ela estiver inter-relacionada em certa profundidade com as regiões de ambos os lados torna-se então uma costura, não uma barreira”. Uma fissura, talvez. Na fissura surge simultaneamente possibilidade, desejo e movimento – ampliadas pela criatividade de usos da cidade, desejos de estar/não estar, movimento do tempo – onde as coisas encontram-se emaranhadas, enredadas, intrincadas. Na fissura também surge o vazio. Vazio guardado por um tempo que, tornado outro, preenche o espaço. Enche-se de gente, enche-se de vida.

A Bacia Hidrográfica do Arroio Pepino, esse entre – que vaza, transborda, dilui, conflui – é um espaço que, ao se notar de uma maneira rápida, olhado de longe, pode, conforme algumas concepções, parecer um recurso urbano. Mas, ao se olhar atentamente – de perto e de dentro – conforme a perspectiva antropológica e etnográfica, o lugar mostra-se rico, diverso, transitório e necessário.

nascente que não se vê



canalização em área nobre



formigas
tartarugas
aranhas
vegetação
exposição

oferendas

come
engole
vomita
produz lixo
vida
animais
e pixos

PESAR DO MUNDO

Composição por José Miguel Wisnik e Paulo Neves

pesar de tudo
pesar de peso
pesar do mundo
sobre si mesmo

pesar de nuvem
pesar de chumbo
pesar de pluma
pesar do mundo

desponta estrela
no vão imenso
por ti suspenso
à tua espera

tudo se afronta
pedra com pedra
a própria onda
quando se quebra

a melodia
onde me leva
onde alivia
onde me pesa?

tudo se agita
durante a queda
o que sustenta
a nossa Terra?

e nesse quando
somente um ritmo
peso e balanço
um som legítimo

canção sem medo
de você para mim
ó meu segredo
te rezo assim:

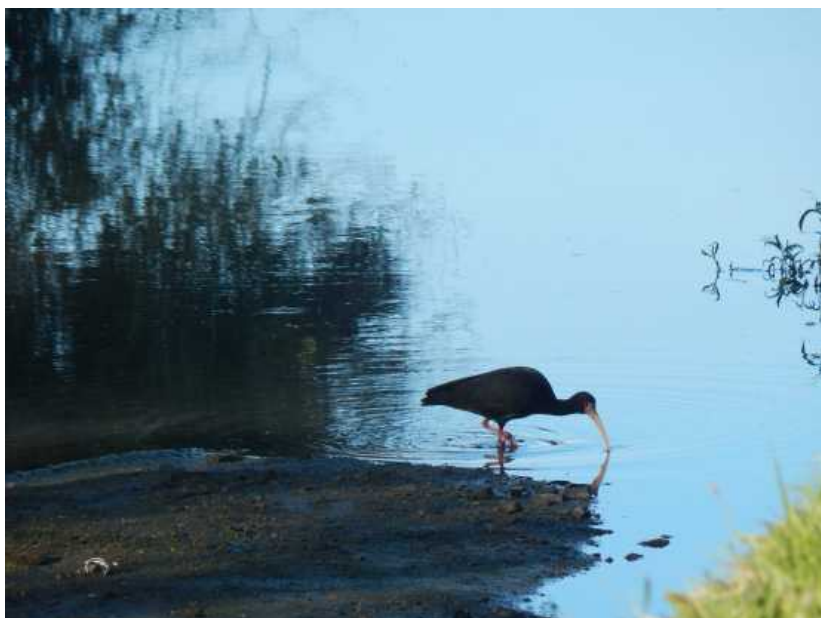
desde o princípio
ao ponto cego
eu arremesso
um eco sem fim











REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. Passagens. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2009.
- BLASER, Mario. Storytelling Globalization from de Chaco and Beyond. Durham: Duke University Press, 2010.
- BLASER, Mario; FEIT, Harvey. A.; McRAE, Gleen. In the Way of Development: indigenous people, life projects and globalizations. Ottawa: IDRC, 2004.
- DAWSEY, John Cowart. Bonecos da Rua do Porto: performances, mimesis e memória involuntária. Ilha, Floripa, v. 13, n. 1, p. 185-219, 2012.
- _____. Descrição tensa (Tension-Thick description): Geertz, Benjamin e performance. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 291-322, 2013.
- DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DE LA CADENA, Marisol. Indigenous Cosmopolitics in the Andes: conceptual reflections beyond “politics”. Cultural Anthropology, v. 25, n. 2, p. 334-370, 2010.
- ESCOBAR, Arturo. Autonomía y diseño: la realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.
- ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la tierra : nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.
- GUATELLI, Igor. Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.
- INGOLD, TIM. Jornada ao longo do caminho da vida. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 76-110, 2005.
- INGOLD, Tim. O Dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p.21-36, 2015.
- INGOLD, Tim. La creatividad que se experiencia. Innovación e Investigación en Arquitectura y Territorio, San Vicente del Raspeig, n. 5, p. 1-11, 2016.
- JACQUES, Paola B. Montagem Urbana. GLEDHILL, John; HITA, Maria Gabriela; PERELMAN, Mariana. Disputas em torno do espaço urbano: procesos de (re)produção/construção e apropriação da cidade. Salvador, Edufba, 2017.
- LI, Fabiana. La hidrología de un cerro sagrado. Desenterrando el conflicto: empresas mineras, activistas y expertos en el Perú. Lima: IEP, p. 155-2000, 2016.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. Porto Alegre: Anos 90, 2000.
- MACHADO, Valentina. Renaturalização do Arroio Pepino. Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo/UFPel, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso.

NOTAS

¹Disponível em: <http://server.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/mapas.htm>. Acesso em: 20. dez. 2018.